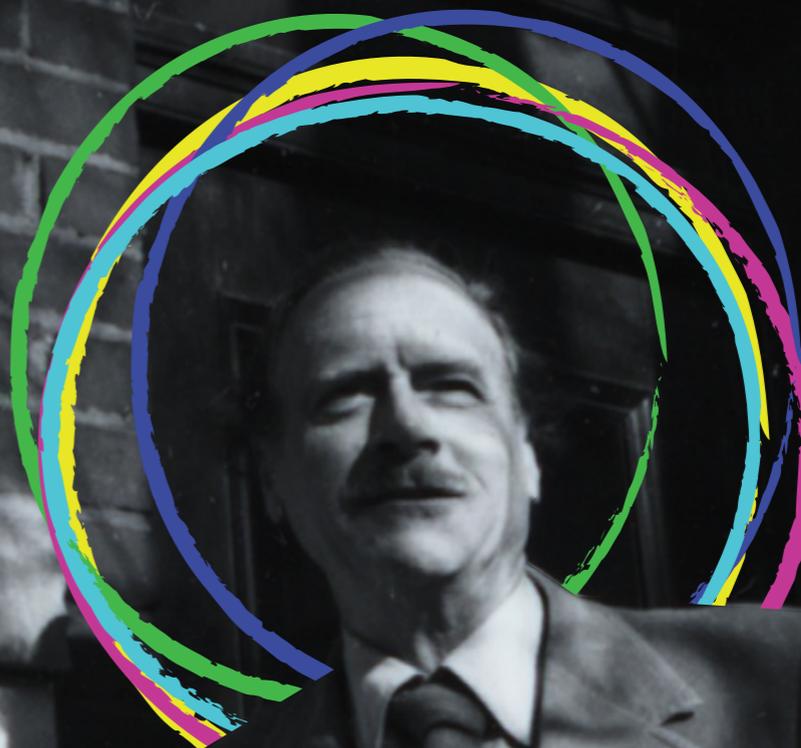


sessões do
MAGINARIO

ano XVI | n26 | 2011/2

**CENTRE FOR
CULTURE AND
TECHNOLOGY**



1

Entrevista com

ERIC MCLUHAN

Entrevista: Mateus Dias Vilela
Tradução: Mateus Dias Vilela¹

Entrevista: Ana Cecília Nunes²
Tradução: Pedro Reis³



Marshall McLuhan faria 100 anos em 2011. Para marcar esta data, que já provocou uma recente revisitação à obra do teórico, o XI Seminário Internacional da Comunicação, promovido pela PUCRS, destacou temas como as relações do homem com as tecnologias e os efeitos psicológicos das mídias para nortear às discussões dos três dias de evento.

Mas se engana que acredita que entender a obra mcluhiana é tarefa fácil. Mesmo tendo se dedicado com afinco a explicar metáforas como 'o meio é a mensagem' e 'aldeia global', McLuhan nunca chegou a ser completamente entendido. Ou as pessoas não se

Sessões do Imaginário: Seu pai acreditava que não tinha sido compreendido, que apesar de todos os seus esforços as pessoas não haviam realmente se dado o trabalho de entendê-lo. Você acredita que atualmente, com toda essa revisitação da obra mcluhiana e os eventos comemorativos, como o XI Seminário Internacional de Comunicação, as pessoas realmente estão o entendendo?

Eric McLuhan: Não. Não, porque as pessoas que estão ensinando a obra mcluhiana não a entendem. Eles não entendem que ele não fazia teorias, ele era um empirista; ele não era um cientista teórico, ele era um cientista prático e isso é muito diferente.

Todo o mundo acadêmico trabalha com teorias e, então, eles falam sobre as teorias de McLuhan, mas não há nenhuma teoria. Eu tive uma experiência muito engraçada quando eu estava na faculdade, quando era um estudante: tive que cursar uma disciplina sobre McLuhan. E então eu sentei nas últimas classes e eu me

davam ao trabalho de entendê-lo, ou, simplesmente, não conseguiam enxergar as mudanças que estavam acontecendo com a mesma clareza que o pesquisador.

Numa tentativa não só de entender a obra do 'profeta da globalização', mas de ampliar os entendimentos sobre as tecnologias e as extensões do homem, Eric McLuhan, filho do teórico, participou como palestrante do Seminário para falar, entre outros assuntos, da percepção acadêmica quanto a obra de seu pai, além de introduzir novas ideias sobre televisão, globalização e ecologia.

Entrevista e tradução: Mateus D. Vilela

mantive quieto, mas foi muito engraçado... as pessoas não o entendem mesmo! Até algo simples e clichê como o *meio é a mensagem* faz com as pessoas comecem a olhar o conteúdo e imaginar: "oh, o conteúdo é o meio".

Mas o meio não é o sentido da televisão, por exemplo, o meio são todas as mudanças que acontecem por causa da televisão. Fazendo uma analogia, é como se você quisesse ter carros, você precisará também de estradas. A estrada é o meio. Se você for fazer um estudo sobre os meios dos carros, precisará estudar sobre estradas, gasolina, política, poluição, tudo..., vizinhança, garagem, como as pessoas organizam suas vidas, suas vidas sociais, esse é o *meio* dos carros. Então o *meio* da televisão ou o *meio* dos computadores não são a televisão ou o computador, o *meio* deles são todas as mudanças que ocorrem nos negócios, por exemplo, são todas as mudanças que ocorrem na vida social e na escola... Esse é o *meio*! Essa é a mensagem! A mensagem dos carros

é a poluição do ar! E a mensagem do carro é a estrada! E a vizinhança! E as multas de carro! E garagens... Esse é o *meio*. Mas as pessoas não tem essa concepção; para elas o *meio* da televisão são os programas, por exemplo, mas não são! Os programas serão sempre outras mídias: na televisão você tem comédias do rádio, jornais, dramas... existe pouca televisão na TV. O lugar onde você mais vai encontrar televisão é na internet! Você pode ver televisão no trabalho, porque na internet a televisão é um arquétipo.

Tem uma estranha transformação acontecendo, você navega na internet e você pode ver TV, todos os programas que você quiser! E quando você vai à televisão, você encontra internet. Nós nunca tivemos duas grandes mídias que usam uma o conteúdo da outra. Isso nunca aconteceu! Então não temos ideia o que isso resultará!

SI: Marshall McLuhan falava de 'aldeia global' ao se referir aos efeitos do rádio na primeira metade do século 20. Alguns autores mais contemporâneos criticam essa expressão e julgam que estamos vivendo numa 'torre de babel', onde há muita informação, mas dificuldades em comunicar. Com as tecnologias da internet, satélites, etc., você fala de teatro global, eu gostaria que você ampliasse um pouco esse conceito.

EM: A ideia do teatro global surgiu por causa dos satélites, os satélites que ficam ao redor da Terra, transformando o planeta no conteúdo de um *meio*. Imediatamente uma das primeiras consequências dos satélites foi a ecologia. Ecologia significa que você está olhando para o mundo todo, não só para o seu país, ou sua cidade, mas para o mundo todo como um sistema. Então você não está pensando só em conteúdo, você está pensando como um engenheiro de sistemas, você está olhando para todo o quadro. Dessa forma, quando você coloca

toda a Terra numa tela, é um teatro. Os satélites modificam nossa visão do mundo. No teatro global todos estão em cena, todo o tempo, não há espectadores, todas as pessoas são atores. E isso fica óbvio com a internet, todos na internet são atores (são colaboradores) e estão sempre no palco, gostando você ou não. A aldeia global descreve o mundo do rádio primeira metade do século 20, mas com os satélites temos um panorama completamente novo. É engraçado que agora que estamos no Teatro Global as pessoas aparecem dizendo: “Oh, aldeia global... agora eu entendo, está aqui! Vivemos numa aldeia global... está acontecendo” Eu digo: “Está aqui há mais de 50 anos... onde você esteve nesse tempo todo?!”

SI: Tratando sobre a interatividade você comenta que vivemos num período de renascimento, talvez um dos maiores da história da humanidade. Segundo As Leis da Mídia, ‘o que essa tecnologia pode recuperar de tudo que perdemos?’ Você acredita que essa interatividade possa ser usada como uma forma de recuperação de democracia.

EM: Provavelmente. Significa que temos que reinventar a democracia. Porque você pode participar diretamente, você não precisa de representantes. Nossa forma de democracia é através dos representantes: você tem 10 mil pessoas e escolhe uma para ir aos órgãos e lhe representar, falar por você, dizer suas ideias, o que você deseja. Mas se você puder ir até os órgãos, até o governo e fazer suas escolhas, dizer o que você quer, você, então, não precisa de um representante.

Então é uma forma completamente nova e diferente de política, de governo pelas pessoas por elas mesmas. O engraçado é que online você pode estar em dois lugares diferentes ao mesmo tempo e isso é uma grande mudança na

sociedade.

Se você fornecer um novo ambiente para uma situação, você verá o conteúdo de uma forma e isso produzirá um renascimento. A renascença que vivemos agora começou no século XIX com o telégrafo e, depois o rádio e o telefone e a renascença continuou acontecendo com a televisão, a internet, o computador, satélites e todas essas coisas seguem empurrando a renascença. Ao invés de haver um declínio, o renascimento está ficando cada vez maior todos os dias. Então, a resposta curta é ‘sim’, a interatividade pode ser uma forma de recuperar a democracia.

SI: Você disse que os meios tradicionais, como a televisão, o rádio e o cinema estão virando formas de arte. Você acredita que a televisão digital também segue essa tendência dos meios tradicionais de virar arte?

EM: A televisão, por si só, é uma forma de arte, agora. E parte disso é porque existem tipos de televisão, tem a digital, o que não é exatamente televisão, é outra coisa.

Há pelo menos dois grandes formatos: o americano em que tem-se apenas 500 linhas e o europeu tem algo em torno de 600 linhas, enfim, é alta definição. Mas ambos usam imagem digitalizada, e esse tipo de imagem é diferente da analógica. Muito diferente. A diferença é que na analógica as linhas vão pra frente e pra traz e em qualquer momento na televisão analógica você tem apenas alguns pontos, e isso é tudo, e o espectador precisa preencher o que falta da imagem a todo o momento. E isso é muita coisa a preencher. Na TV digital você sempre tem uma imagem completa, então o preenchimento é de outro gênero. Os efeitos não são os mesmos nesses dois modelos de televisão, e os efeitos não são oriundos do conteúdo. Os conteúdos

são sempre os mesmos. Todas as novas tecnologias sempre usam as velhas tecnologias como conteúdo, sempre.

SI: Então você acha que a tecnologia digital produz uma nova forma de televisão?

EM: Usa a televisão como conteúdo, mas não é televisão. É outra coisa.

SI: Alguns autores brasileiros acreditam que com a tecnologia digital, a televisão não deixará de ser televisão, pelo contrário, se tornará mais televisão, assim como aconteceu com o cinema que, ao incorporar o digital, tornou-se mais cinema.

EM: Mas a televisão é muito diferente do cinema. Não, eles estão errados. O computador, a imagem digital, não é televisão, é outra coisa. O conteúdo é o mesmo. E as pessoas tendem a olhar sempre ao conteúdo. Para entender o que é a ‘televisão digital’ é preciso treinar a percepção e a única forma de aprender sobre a percepção é estudando arte. Só quem tem a percepção treinada são os artistas. Eles passam suas vidas treinando e aperfeiçoando a percepção. Eles são as únicas pessoas que estão no ‘agora’, sintonizados no ‘hoje’ e ainda conseguem enxergar uns 30/40 anos a frente de todos nós. Se você olhar os comerciais de televisão de hoje você verá músicas com referências aos 60, 70, elas nunca usam o ‘hoje’. Os artistas conseguem perceber o que acontece com a percepção por causa dos meios. A maioria dos artistas não tem grande capacidade de falar sobre o que eles fazem, eles só vão em frente e fazem, eles não teorizam sobre.

SI: A maioria dos artistas não pensa na arte como uma forma de comunicação, eles simplesmente fazem para si mesmos, negando

a comunicabilidade da sua obra..

EM: Sim, é verdade. Eles simplesmente fazem. Não pensam sobre a comunicação.

SI: Com as tecnologias de compartilhamento de arquivos, você ainda acredita no poder do autor sobre a obra? Acha que os direitos de copyright ainda têm força?

EM: O copyright está morto, já foi. Eu sou um escritor e as coisas que eu escrevi, qualquer pessoa no mundo pode acessar e colocar na internet e... onde está o copyright? Está morto, se foi. Eu trabalho numa escola para músicos, para pessoas que trabalham na indústria fonográfica e há dez anos surgiram o *Napster*, o mp3, programas de compartilhamento... Adeus copyright. Você não pode obrigar as pessoas a se sujeitarem ao copyright. A primeira ideia foi chamar a polícia, mas iríamos todos ser presos e isso seria loucura. Você não pode prender o mundo. Copyright acabou e nós precisamos achar uma nova forma. Copyright foi uma forma de usar a audiência como financiadora, os livros, por exemplo, usavam as pessoas que apreciavam a leitura como meio de aquisição de capital, ao comprar os livros. Mas o mundo parou de ler.

Apesar disso, encontrei um cenário muito interessante aqui no Brasil, conheci uma feira de livros (a feira de livros de porto alegre) e fiquei espantado com a quantidade de editoras, então, aparentemente, as pessoas aqui ainda leem. No Canadá, a maioria dos meus alunos não le. Eles preferem pesquisar. Eles não leem por prazer, não acham divertido ler, para eles a leitura é como um trabalho. Eles acham muito mais fácil sentar e ver um filme.

SI: Você considera que esse hábito de não ler, um mau hábito?

EM: A leitura te dá um tipo diferente de mentalidade. A leitura de textos impressos exercita faculdades lógicas e críticas. Ler na tela de um computador, não é ler. É televisão. Não é ler. É uma experiência diferente. E há muitos estudos sobre isso. O tipo de faculdades de ler através do papel, do alfabeto no papel traz individualismo, identidade privada, desenvolve senso crítico, objetividade.

Quando você usa mídias como a televisão, computador, filme, telas para ler... esses meios são muito participativos, você tem que completar a imagem, entre outras coisas. Você se engaja. Quando você lê uma página impressa você não se envolve, você pode, então, julgá-la. A grande era do impresso foi o século XVII, início do XIX, e foi o tempo do racionalismo, das atividades lógicas. Não há objetividade agora, tudo é participativo. E isso gera um problema: escolas acreditam que podem desenvolver o senso crítico e objetivo dos alunos, mas não o podem fazer através desses meios, você precisa da leitura no papel, ler livros.

Entrevista: Ana Cecília Nunes

Tradução: Pedro Reis

SI: O imaginário atua sobre as práticas sociais – bem como sobre os meios e as mensagens – que, por sua vez, o nutrem, num processo de retroalimentação. Em sua opinião, há uma prevalência nessa relação?

EM: Talvez o jeito mais fácil de responder a isso seria dizer que cada meio (*medium*) afeta a imaginação de um jeito diferente. Cada novo meio te dá um novo jeito de imaginar. Televisão é um jeito, imprensa é outro, rádio outro; todos

são diferentes. Então, há uma predisposição na mídia? Claro. Mas não está no conteúdo, mas no uso dos sentidos e da imaginação e cada meio é diferente nesse quesito. Quando a televisão apareceu, há 50 ou 60 anos atrás, as pessoas eram muito racionais: eles diziam “quais as políticas e as ideias?” Agora? Isso não é mais tão importante. “Que tipo de imagem ele tem?” E imagens podem ser muito poderosas. As melhores pessoas para se perguntar sobre a imagem são os anunciantes/publicitários. Não vá aos políticos, vá aos anunciantes/publicitários, eles sabem exatamente que tipo de imaginação o seu público tem. É por isso que eles vivem ou morrem. Então, talvez seja muito intuitivo, mas geralmente eles são bons, porque é isso que eles estudam as audiências. Mas eles não ligam para teorias. Você pode ter a teoria que você quiser, se não funciona, eles não querem. Eles são muito práticos e pragmáticos e todos estão muito preocupados com a imagem. Isso quer dizer que a audiência mudou sua forma de pensar. Costumávamos ser lógicos e racionais, talvez nem tão lógicos, mas agora isso se foi. É um jeito novo, quer dizer, nem tão novo de imaginar o mundo: este jeito está aí há 30 anos. Mas sua pergunta foi sobre como as pessoas imaginam e eu acho que se pode dizer com bastante certeza que as suas imaginações são engenhadas pela mídia. Não pelos programas, mas pelo próprio meio. Televisão é um jeito de imaginar e o rádio é outro bem diferente. No rádio as pessoas gritavam, era oratório; você não pode fazer isso na TV, você pareceria um idiota. “O que este cara na minha sala está gritando? Por que ele está gritando?” É útil também assistir televisão de outros países e ver como as audiências respondem. Que tipos de programas elas gostam, que jeito de imaginar as coisas elas desenvolvem. Computadores nos dão videogames, mas veja a televisão: agora

ela é conteúdo do computador. Na internet, agora você consegue shows antigos de TV, com streaming direto pra você. TV é o conteúdo da internet. Quer dizer que a TV está se tornando uma forma de arte. Toda vez que uma tecnologia se torna conteúdo de outra, ela se torna uma forma de arte. Pode levar 10 ou 20 anos pra acontecer, mas começa dessa forma.

SI: Como pensar imagem a partir da lógica das tecnologias da informação e comunicação contemporânea? A escrita ainda terá seu espaço, sendo a imagem técnica um modo muito difundido de experienciar o mundo?

EM: Nós temos novos desenvolvimentos, como as *graphic novels*. Mas não é o futuro, é o presente. As pessoas olham para coisas como isso e dizem: “Ah, isso é o futuro”, mas não. É o presente. E agora, e eu mencionei isso antes, outra capacidade do livro: *o livro de mesa de café*. São livros que você coloca ali para mostrar, eles não tem muitas palavras, mas estão cheios de imagens. Quando você coloca o impresso na tela do computador, ele não é o livro. Nos tablets, eles não são livros. O livro é o conteúdo. E lembre-se da fórmula: no momento em que se torna conteúdo, começa a se tornar uma forma de arte. A maneira com que os livros são vistos é diferentes. As pessoas que leem livros no computador, não gostam de livros. Eles acham essa nova forma mais atraente, mais prática. Mas o livro, ele é pesado, ocupa espaço, utiliza árvores (papel). Toda essa gama de desculpas. A maior parte dos meus alunos em Toronto não le. Eles não leem nada. Se eu digo, eles leem. Mas eles não leem por prazer, pra eles o livro é trabalho. Uma das razões de porque eu acho que a velocidade de leitura deles é tão baixa. Eu passei os últimos 30 anos estudando a velocidade de leitura das pessoas, quantas palavras por minuto, e nesse tempo

diminuiu em quase 50%. Uma pessoa comum leria entre 350 e 450 palavras/minuto. Isto é uma ou duas páginas num livro comum e hoje meus estudantes leem 250 ou 300 palavras/minuto e o resto ainda mais lentamente. A frequência da leitura em voz alta é de 180 palavras/minuto e muitos leem numa velocidade, em silêncio, mais baixa de isso. É nível fundamental de leitura. Se eles não leem em voz alta não faz sentido. Eu pergunto: por que você lê em voz alta? Ou o que você lê assim? E eles respondem: os textos de astronomia, de biologia, os livros de ciências. Eu pergunto: por que você lê isso? É a pior escrita dos livros universitários! E eles respondem que se não fizerem isso eles não conseguem entender. Certo? Isto significa uma nova forma, não no futuro, mas no presente de encarar o livro. Eles tentam transformar o livro em um show de TV, eles conhecem TV e estão acostumados a responder a TV. Então eles leem um livro e não conseguem responder da mesma forma. Quando a TV apareceu, nos anos 50, os filmes mudaram. As pessoas queriam a experiência da TV no cinema. E Hollywood disse: tudo bem. E eles fizeram filmes de jeitos diferentes, porque a audiência era diferente. A *graphic novel* é o mesmo tipo de resposta: a audiência é diferente. Eles querem muitas imagens, não como na poesia, imagens verbais, querem imagens gráficas. O que eles estão fazendo com os livros é transformá-los em histórias em quadrinhos glorificadas. Quando eu era jovem tivemos uma série de quadrinhos chamados *Classics Illustrated*, eu não sei, mas é provável que vocês tenham tido isso aqui no Brasil. Eles pegavam um livro clássico como *Moby Dick* ou *Dom Quixote* e o faziam em formato de história em quadrinhos. Todos os garotos leram aquilo e foi assim que muitos de nós conhecemos os grandes trabalhos da literatura. Depois tivemos provas e trabalhos no colégio, mas esse foi nosso primeiro contato.

A TV é uma história em quadrinhos. A internet é a *graphic novel*.

SI: Qual será o lugar da língua escrita? Ele será importante?

EM: Não. A publicidade descobriu muito cedo, por volta de 1960, que não se poderia colocar a palavra escrita, o impresso, na tela do cinema. Eles aprenderam que são as imagens que funcionam, não a palavra escrita. Mas levou 20 anos pra eles descobrirem isso. Esse é o futuro: mover-se na direção das imagens. O livro impresso? Ainda teremos entusiastas por mais uma geração, provavelmente, depois, acabou.

SI: Estaremos em outra era?

EM: Estaremos fazendo outras coisas, ainda estaremos nos comunicando. As ideias ainda estarão se movendo, mas nossas imaginações já estão diferentes. Se usamos imagens, ao invés de palavras, estamos usando outra parte da imaginação e do cérebro. Você conhece um livro que saiu há uns 4 anos de Marian Wolf, chamado *Proust and the Squid*? Nele ela compara esses tipos de entendimento, imaginação e organização do cérebro usada por uma lula (cefalópodes). Pelo tamanho do cérebro, esses seres devem ser muito inteligentes. Ela estudou como o cérebro funciona trabalhando com o alfabeto e o alfabeto chinês. No chinês é tudo imagens, não há palavras, são histórias em quadrinhos. Eles sabem como escrever com imagens. Eu recomendo dar uma olhada nesse livro, ela usa o que há de melhor em tecnologia de computador e F-MRI (ressonância magnética por função). Uma máquina grande na qual você entra e ela “corta” as imagens do cérebro para ver a função em cada parte dele sob um determinado comportamento. Então quando você olha, lendo o alfabeto, e uma grande parte do lado esquerdo

se ilumina, e quando lendo chinês é o lado direito que se ilumina. Isso pode nos ajudar a entender o que devemos fazer quanto à escrita e sobre como transmitir informações, se as pessoas já estão vivendo aqui (do lado direito) você precisa aprender a falar com elas, seja no campo da política, da publicidade ou mesmo da academia. As pessoas que vivem no alfabeto ocidental (*alphabet people*) vivem de um lado, e o asiático com seu alfabeto ideogramático (*image people*), vivem do outro. É outra forma de usar a inteligência. Toda a nossa mídia eletrônica usa o lado direito, então é como um tsunami do lado direito.

SI: Hoje, as mensagens são incontáveis, as tecnologias cada vez mais aperfeiçoadas, os receptores cada vez mais heterogêneos, como coabitar tudo isso? Como lidar com a acomodação gerada pela naturalização das tecnologias?

EM: Você não consegue. Você não consegue equalizar. Você tem que controlar isso e nós não estamos prontos para fazer isso e você tem que dizer 'ajuste apenas um pouco essa tecnologia ou essa mídia (meio) e não mais'. Apenas um pouco ou um pouco mais dependendo... Bom, é um pouco como uma dieta. Como está sua dieta? Você precisa de mais proteínas ou carboidratos ou você precisa de mais leite ou mais carne. Você precisa fazer isso com a mídia (meios). É isso que chamamos de ecologia da mídia (dos meios). A ideia de ecologia é você controla o que vai no ar, o que vai na água. Com a mídia, então, você coloca sua mídia numa cultura, ela se arraiga imediatamente e ela muda todas as outras mídias (meios). Se você não gosta dessas mudanças ou pensa que elas estão causando problemas, as pessoas estão ficando brabas ou confusas, então você precisa desligar essa ou diminuir aquela mídia. Mas nós

não podemos fazer isso. Eles conseguem fazer isso no Leste e em sociedades tribais, mas nós não conseguimos no Oeste porque entregamos tudo a empreendedores. Que é dizer 'tanto faz, deixe solto'. Mas qualquer sociedade racional diria que isso é loucura. É como trazer um novo veneno e dizer 'ei, pessoal, aqui'. Os caras que vendem essas coisas são como os caras que ficam nas saídas (pátios de colégio) dizendo 'ei, garoto, quer provar isso aqui? É legal'. É isso que eles fazem com computadores e iPhones e aplicativos. 'Ei, tente esse aqui, você vai gostar', mas estão todos viciados. Toda tecnologia é um vício. Você não pode se livrar dela. Seria muito, muito difícil. Suponha que nós eliminemos o telefone: 'não vamos mais deixar vocês terem telefones'. O que mudaria?

SI: Tudo. Os celulares são muito importantes na sociedade...

EM: OK. Agora, todas essas mudanças são o que chamamos de meio. A tecnologia do telefone é pequena, mas faz todas essas mudanças e constrói para si um espaço para crescer e trabalhar e prosperar, mas isso significa que toda nova tecnologia acarreta uma nova cultura e uma nova maneira de imaginar e uma nova maneira de se relacionar com as pessoas. Quer você goste ou não, mas as pessoas que fazem essas tecnologias não se responsabilizam por isso. Eles são, como eu disse, empresas farmacêuticas ou traficantes de drogas. Eles fazem drogas e quanto mais gente comprar drogas melhor para eles e se eles te deixam viciado, são boas notícias. Aspirina, não estou dizendo que é ruim, mas veja o que acontece. 'Por que nós não', e isso é ecologia da mídia também, 'pegamos e fazemos a mesma coisa com novas tecnologias?' Ok, você quer introduzir iPhones, mas primeiro você precisa estudar todos os efeitos. Se é viciante, como parar o vício. Se vai mudar muitas

pessoas, como vai mudá-las. Nós fazemos isso com drogas. Você tem um novo remédio para enxaqueca, então quero que você teste ele com muitas pessoas e nos diga quais os efeitos colaterais. No caso da mídia, todos os efeitos são efeitos colaterais. E isso inclui o objetivo do uso dessa mídia. Se como a TV, mudou Hollywood. Destruiu o star system, fez novos filmes, trouxe grandes telas em 3D. Nós tínhamos 3D nos anos 50.

Isso significava que Hollywood precisava mudar, por causa dessa coisa nova, desse novo instrumento. Ninguém perguntou se Hollywood queria isso, eles simplesmente fizeram. Esses caras novos são como exércitos: eles vem, aniquilam a oposição e estabelecem o seu jeito de fazer as coisas, mas ninguém diz 'ei, espere um pouco! Isso talvez não seja bom para nós'. Suponha que uma nova tecnologia em computadores apareça e nos transforme a todos em orientais. Então agora nós pensamos e nos comportamos e temos uma sociedade como o Japão ou a China. E quanto a democracia? Ah, já era. Por que deveríamos deixar isso acontecer? Por que não deveríamos estudar ecologicamente? A ecologia da mídia! E como eles vão à guerra uns contra os outros e nós somos o campo de batalha. As bombas caem em nós.

SI: No contexto atual, como pensar na intervenção das tecnologias de comunicação e informação na configuração da sociabilidade cotidiana?

EM: Existem dois pontos sobre isso: um é como nós podemos estudar essas coisas. E eu acho que o outro é como você responde a essas coisas. Para estudar essas coisas, você precisa se afastar. Você não pode estar envolvido numa coisa e entendê-la. É grande demais, ela te engole, como uma baleia, e daí você precisa

estar dentro. As únicas pessoas que sabem como estudar são os artistas. Artistas passam todo o seu tempo aprendendo a perceber, aprendendo a usar seus sentidos. Eles estudam percepção. Não importa se eles pintam, escrevem ou esculpem, o trabalho é o mesmo. E um bom artista se move com facilidade entre esses tipos de arte, porque ele entende o processo da arte. Não importa se ele está fazendo uma escultura ou pintura, é o mesmo. O conteúdo é diferente, mas o processo é o mesmo: explorar a percepção. O artista não se importa com a antiga percepção, ele se importa com o que é novo, qual é o novo modo de ver (perceber) e de imaginar agora mesmo. Se você quer saber isso você vai ao artista, não ao acadêmico. Ele não sabe. Eu sei, eu sou um deles, ou era. Você tem que ir ao artista, e geralmente o que causa problemas, porque nova arte é sempre perturbadora. A maior parte das pessoas quando se acostuma com um tipo (ou estilo) de arte ficam “ah, é legal, é bom”. Não apresenta mais nenhum desconforto ou perigoso, não as ameaça, mas a arte séria é sempre ameaçadora porque o que ela faz é que o conteúdo dela seja você. Quando você olha para um trabalho de arte você vê a si mesmo. Como re-imaginada pelas novas tecnologias. Talvez seja fortuito que o mundo acadêmico não saiba como fazer isso, eles não sabem. Eles se concentram no conteúdo ou no programa ou no modo em que é usado ou fazem estudos com multidões ou audiências, mas a maneira que estudam audiências é a maneira correta para a imprensa (papel) e sem utilidade alguma para as mídias eletrônicas. As técnicas de pesquisa são muito velhas, mas as técnicas do artista são sempre novas, sempre atuais. As artes são onde aprendemos como, ele não se importa de sair. Ele é sempre um estrangeiro (outsider) do lado de fora e frequentemente ele é chamado de o inimigo. Aqui está o inimigo dessas pessoas: elas

são muito complacentes, muito satisfeitas, muito felizes com suas vidas e o artista naturalmente vai atrás dessas pessoas e lhes diz “você está morto, você é um cadáver andando por aí, você é um zumbi”.

SI: E você está que está certo isso? Que o acadêmico não se preocupe ou note essas coisas?

EM: Os acadêmicos são pessoais normais. Eles tem seu trabalho, eles não se responsabilizam por várias coisas. A maior parte deles tem vidas normais, nada imaginativas, tentando sobreviver, ir em frente, o que fazer a seguir, se comportar, e enquanto isso a mídia está chegando e mudando tudo. O que ela muda, e sempre voltamos a essa ideia, o modo como as pessoas imaginam. Então, eles são os primeiros e 30 ou 40 anos depois, olhando, por exemplo, para a publicidade, você verá técnicas que estavam sendo utilizadas por artistas nos anos 60. Então estamos 30 ou 40 anos atrasados. Artistas são a antena, eles recebem o sinal antes. Depois as pessoas vão ao rádio, outros meios. Mas eles são a antena.

SI: Uma vez que a evolução tecnológica propiciou que tenhamos hoje meios de comunicação pessoais e personalizados, com possibilidades de interação com áudio, vídeo e texto (como smartphones, tablets, computadores), seriam eles ainda mais “extensões do homem” do que o eram os meios de massa antigamente? Na sua visão, em que medida e de que forma é o papel deles como “extensões do homem”?

EM: Os meios ainda são extensões, claro. Nós não conseguimos fazer qualquer coisa que não seja uma extensão de nós mesmos. É impossível. Se nós fizéssemos uma extensão de um dinossauro, ela não teria utilidade para nós. Tudo que fazemos é parte de nós mesmos, vem

do corpo ou de nossas faculdades. E isso se aplica a coisas intelectuais tanto quanto físicas, tangíveis. Isso nunca muda.

O mesmo, enquanto são extensões. São igualmente extensões.

SI: Do mesmo jeito ou em jeitos diferentes?

EM: Diferentes. Elas estendem outras partes de nós mesmos. Partes diferentes da mente, como o alfabeto estende a parte direita do cérebro, assim como computador, que é digital, também é a parte direita do cérebro. As tecnologias mecânicas são, de outro modo, o lado esquerdo do cérebro, são todas especializadas. As novas tecnologias são todas não-especializadas, elas se tornam todas partes umas das outras. Olhe o telefone portátil: quantos aplicativos existem para o *Iphone*? Centenas! Cada um desses pode ser uma nova tecnologia. Está na natureza das tecnologias eletrônicas que elas se fusionem. Está na natureza das tecnologias mecânicas que elas se especializem. A mensagem da eletricidade não é a especialização, nem falando intelectualmente. É a generalização. O que nós queremos agora é o generalista e não o especialista. Todo o programador de computadores é um generalista, ele precisa saber sobre diversos tipos de processos para executar sua função primária.

SI: Os telefones, enfim, as tecnologias, não são, então, as mesmas extensões que eram...

EM: Não, eles não são as mesmas extensões, eles são extensões tanto quanto aquelas antigas. Eles são extensões, mas estendem partes diferentes de nós mesmos e cada um deles tem um efeito diferente sobre o usuário. O conteúdo é sempre a coisa antiga, qualquer coisa que ela seja. O conteúdo da TV e do rádio é o mesmo do jornal em papel, são as notícias, as músicas e suas

performances. Esse é o conteúdo. Não há nada novo. E o conteúdo agora ainda é parcialmente antigo: a TV. Você tem TV na Internet. Isso não é novo.

SI: Mas é televisão se está na rede?

EM: Claro que não. O conteúdo é TV. Da mesma forma quando você assiste um filme na TV: é cinema? Não, porque não tem o efeito do cinema, tem o efeito de TV. Este é o outro ponto: as novas mídias traduzem tudo em seus termos. Suponha que você tenha um filme e ao invés de colocar na TV eu te dê o livro: o conteúdo é o mesmo, a experiência é diferente. O livro é o filme? Não, eles são diferentes.

Notas

1- Mestrando do Curso de Comunicação Social - PUCRS. Email: mateusdvilela@gmail.com

2- Mestranda do Curso de Comunicação Social - PUCRS. Email: anacecilianunes@hotmail.com

3- Doutorando do Curso de Comunicação Social - PUCRS. Email: oxyghene@gmail.com